

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA
SANTA CRUZ DO SUL – RS**

O EXERCÍCIO DO PODER RELIGIOSO EM *O QUATRILHO*

Hildegard Hammes

**Monografia apresentada à Coordenação
de Pós-Graduação da Universidade de
Santa Cruz do Sul para a obtenção do
título de Especialista em Literatura.**

Prof. Ms. Elenor José Schneider

Santa Cruz do Sul, outubro de 1999.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
1 A IGREJA E A RELIGIÃO NA LITERATURA GAÚCHA	06
1.1 O exercício do poder religioso na obra <i>O quattrilho</i>	08
1.1.1 O poder religioso no passado e no presente	09
2 FALSA IMAGEM DE IGREJA	21
3 A INTERFERÊNCIA DA IGREJA NAS RELAÇÕES SOCIAIS	24
4 PADRE E IGREJA: NORTE DAS PESSOAS DE FÉ.....	28
CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é uma proposta de análise da presença da religiosidade na produção literária gaúcha, especialmente o exercício do poder religioso católico entre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul.

A pequena quantidade de obras disponíveis sobre o tema da religiosidade na literatura gaúcha limita a pesquisa, mas a opção pelo romance *O quatrilho* de José Clemente Pozenato, despertou o interesse para entender a força, o fascínio, o poder que exerce a religião, a fé, Deus sobre o ser humano e como define rumos para a vida das pessoas.

O primeiro capítulo analisa a presença da religiosidade na literatura gaúcha e o exercício do poder religioso na obra *O quatrilho*.

O segundo capítulo enfoca a falsa imagem de Igreja e as consequências desta na vida social, comunitária e individual do homem.

O terceiro capítulo retrata a interferência da Igreja e dos padres nas relações sociais, como são concebidos o casamento, a vida em comunidade, a família e o mundo dos negócios.

O quarto capítulo preocupa-se com o fato de o padre (o religioso) e a Igreja, apesar de tantos equívocos e desacertos, serem um norte, um porto seguro, para as pessoas de fé.

A pouca presença do tema religião como tema determinante ou integrante na literatura gaúcha desperta a curiosidade e deixa uma indagação sem resposta: por que o exercício do poder religioso está sempre presente e assume vital importância para a humanidade?

1 A IGREJA E A RELIGIÃO NA LITERATURA GAÚCHA

A fé, a religião, Deus, crença num ser supremo, misticismo e igreja sempre acompanharam e certamente acompanharão o homem em toda a história. Todas as ciências humanas trazem suas marcas, ora defendendo, confirmando sua importância e necessidade, ora desprezando, negando ou questionando a impossibilidade de conceber o ser humano desvinculado do misticismo, de alguma crença, ou seja, ligado ao Criador, um ser superior, autor da vida.

Urbano Zilles (1991) diz que a religião é estudada pela história, pela psicologia, fenomenologia, psicanálise, sociologia e pela filosofia. Todas essas ciências estudam metodicamente a consciência religiosa concreta e suas múltiplas objetivações na história. A filosofia da religião busca esclarecer a possibilidade e a essência formal da religião na existência humana, realiza uma reflexão com a ajuda da razão. Não fundamenta nem inventa a religião, tematiza a abertura do ser humano para o mistério que o envolve de maneira positiva, aceitando-a, ou de maneira negativa, rejeitando-a.

Para Rogério Valle (1992), a fé está sempre em meio ao conflito de racionalidades de um mundo que deseja e procura o progresso, onde os homens lutam por liberdade, criam, invertem e subvertem valores, onde a ética e a religião

são difundidas, mas nem sempre praticadas para alcançar a justiça e a felicidade do ser humano.

A literatura, embora sem pretensões científicas, preocupa-se em retratar o ser humano com todas as suas dores e mazelas, venturas e desventuras. Em muitas obras, a religião e a fé determinam os rumos da vida das personagens e, às vezes, fazem parte ou completam o pano de fundo da história.

A literatura gaúcha pouco tem se debruçado sobre este aparentemente universal, mas extremamente pessoal tema: a fé e, por extensão, a religião, a igreja. Pouco tem estudado este movediço terreno da religião como elemento determinante dos rumos de uma comunidade e das vidas de seus habitantes.

Pode-se citar Luiz Antônio de Assis Brasil (*Videiras de cristal*), alguns contos de Simões Lopes Neto (*No manantial*, *O “menininho” do presépio*, *O negrinho do pastoreio*), Charles Kiefer (*Valsa para Bruno Stein*) como autores que têm usado a fé ou a religião como tema integrante de sua produção literária.

José Clemente Pozenato é um ficcionista brasileiro e gaúcho que resgata a saga dos imigrantes italianos e realça a importância da fé e do poder da igreja entre as comunidades que retrata.

1.1 O exercício do poder religioso na obra *O quatrilho*

O quatrilho, romance de José Clemente Pozenato, retrata o exercício do poder religioso católico entre os imigrantes de origem italiana que se estabeleceram na região serrana do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX. Uma comunidade constituída de pobres aventureiros oriundos da Itália, junto com seus filhos e netos, submetidos às injunções do tempo e do meio, construíram, com defeitos e qualidades de todos os deslocados sociais, uma sociedade próspera e relativamente igualitária baseada sobre a pequena propriedade rural e, posteriormente, sobre a indústria e o comércio.

A fé institucionalizada sob o nome de religião é notoriamente importante para o desenvolvimento das comunidade de San Giusepe, Nova Vicenza, Caxias e outras. No dizer de Marilena Chauí (1983), analisando Feuerbach, é a forma suprema da alienação humana, na medida em que ela é a projeção da essência humana num Ser superior, estranho e separado dos homens, um poder que os domina e governa porque não reconhecem que foi criado por eles próprios. É denominada como o ópio do povo, isto é, aquele mecanismo que, durante sua trajetória histórica, foi utilizado pela Igreja e pelas elites como instrumento de dominação, verdadeiro amortecedor para as dores e mazelas do povo. Os moradores estão presos à ilusão de uma entidade divina, cuja intervenção solicitada e recebida viria ajudá-los a resolver seus problemas e construir uma vida melhor no futuro, bem como salvar suas almas.

O poder social exercido pelo catolicismo apostólico romano é definitivo, funcionando como elemento de controle na manutenção do *status quo* vigente. As tradições e os costumes, sejam quais forem, devem ser mantidos. A ideologia

vaticana presente na figura do seu representante local, o padre, é tão importante que toda a trama pode ser estudada a partir de seu ponto de vista e o conjunto de implicações que surgem disso forma uma visão de mundo particular dentro do contexto social específico do espaço.

O quatrilho apresenta uma ótica da religião como elemento formador da consciência humana, em seu microcosmo encontram-se as raízes das concepções políticas e morais que, ainda hoje, fazem parte do pensamento do povo gaúcho.

1.1.1 O poder religioso no passado e no presente

Ao analisar-se a obra *O quatrilho*, pode-se constatar a demarcação de dois tempos, ou seja, o passado caracterizado pela geração dos pais das personagens principais, e o presente, no qual se desenrola a história de Ângelo e Teresa e Máximo e Pierina, bem como dos membros das comunidades nas quais todos estão inseridos.

E quantos anos fazia que tinham chegado os primeiros, de machado no ombro? Sua memória mais uma vez o traía. Precisava fazer os cálculos. De 1883 até hoje eram exatos vinte e seis anos. Uma geração (Pozenato, 1996, p. 106).¹

¹ A partir de agora, todas as vezes que constar apenas o número da página, as citações referem-se a esta edição.

Outro aspecto que salta aos olhos é a forma como é encarada a presença da igreja e do padre nesses dois momentos. No passado, padre e Igreja se confundem, ou seja, para os fiéis o pároco é o único que sabe tudo sobre as verdades divinas.

Tudo que ele diz ou manda é seguido cegamente, apesar de, às vezes, parecer injusto e desumano. A maioria das pessoas não tem contato com informações, idéias ou experiências que não venham da Igreja. No presente já ocorrem questionamentos porque algumas pessoas já se deslocaram para outras localidades, cidades, centros, onde havia idéias divergentes, têm acesso a jornais e revistas que veiculam informações que põem em dúvida as certezas do padre. Assim, os membros da comunidade começam a entender que padre e Igreja não são a mesma coisa.

Começou a fazer promessas para isso e para aquilo, não saía mais da igreja, e ficou cada vez mais impertinente. Os padres é que viraram a cabeça dela (p. 128).

Mas eu não sou estúpido, sei ler o evangelho. Lá não tem a metade do que ele querem obrigar a gente a fazer (p. 129).

. . . eu não sou contra a religião. Faço as minhas orações, dentro do meu quarto, como ensina o evangelho. Sou contra é esses aproveitadores da devoção do povo, que só pensam em dinheiro e dinheiro, em derrubar uma igreja, fazer outra (p. 130).

Cada tempo tem características próprias. No passado, as condições de vida eram bastante precárias. A relação com o trabalho concentrava-se na produção para a subsistência. O esforço empreendido buscava a acomodação da família em casas rústicas, sem conforto, proporcionando a segurança necessária contra as intempéries do tempo e do ataque de animais selvagens, em plena mata. Cada família produzia o necessário para sua sobrevivência, dentro das condições oferecidas pela natureza e com a bagagem de experiências acumuladas, trazidas do além-mar.

Num cenário rural, as comunidades eram pequenas e a distância entre as casas das famílias era grande. Os conflitos entre membros da comunidade e da própria

família praticamente inexistiam. Na relação entre pais e filhos não ocorria o diálogo. As idéias e opiniões dos pais eram respeitadas e acatadas. O mundo era simples. Nada de especial acontecia. A comunicação era difícil e o desgaste causado pelo trabalho exaustivo impedia o povo de ir em busca de recreação, prazer ou aventura, sem contar que o prazer era objeto de repreensão, considerado pecado pela igreja - representada pelo padre - cuja voz era definitiva e incontestável. O padre era autoridade máxima na comunidade. Era ele quem determinava o modo como as pessoas deveriam agir. A ele o povo recorria para dirimir as dúvidas que iam surgindo.

O casamento tinha como finalidade a procriação. A relação de afeto entre o casal não era comum. Ao marido cabia exercer o papel de cabeça do casal. Ele determinava o que e como as tarefas deveriam ser executadas. Fazia o trabalho braçal, cuidava dos animais, da plantação, da produção de alimentos, da administração da propriedade, visando facilitar as condições de vida da família, no que era auxiliado pelos filhos, tão logo tivessem condições de ajudar na lida. À mulher cabia, além de ajudar o marido, governar a casa e educar os filhos, que eram muitos. Ela não se envolvia nos negócios, por não ser direito seu, nem conveniente para a sociedade da época, baseada no modelo patriarcal, em que a humanidade era muito passiva e vivia na ignorância, sem alimentar sonhos de mudanças.

Casar é bom para esquentar os pés de noite, o resto não vale a pena (p 72).

E quando a gente veste o vestido de noiva e entra na igreja, pensa que está entrando no céu. Mas o céu termina justo aí, isso eu garanto. E ainda tem a festa . . . Nasce uma criança, e outra, e outra e o trabalho só aumenta. E

aí a gente já está um trapo, uma velha, e não teve satisfação nenhuma (p. 52).

Os problemas surgem quando os filhos crescem e, seguindo a ordem natural da vida, casam e constituem suas próprias famílias. É neste momento que aparecem novos desafios e a realidade precisa ser encarada por mais dura que possa parecer. De acordo com a tradição, o filho mais velho é quem deve deixar a casa no momento em que o segundo se casa e sair em busca do seu próprio espaço e condições de sustento para a nova família.

A Bambina casar ainda não era nada. Um punhado de dinheiro jogado fora e nada mais. O pior seria se o Agostinho resolvesse também casar. Então ele, Ângelo, teria de sair de casa e tentar se arrumar. Era essa a lei (p.68).

Ir para a cidade, pensou, para fazer o quê? A única coisa que sabia fazer era puxar o cabo da enxada. Ir para a cidade era o mesmo que resolver morrer de fome (p. 108).

É neste momento que se constata o segundo tempo definido na obra: o presente. O novo casal habituado a submeter-se às ordens do pai, precisa ser agente da própria história. Despreparado para tomar decisões, sente na pele angústias inimagináveis. Consciente de que precisa agir, apesar das adversidades que tem pela frente, recorre ao padre, junto a quem busca orientação. Este, por sua vez, no uso de suas atribuições de decidir conflitos, avalia a situação do novo casal. Baseado em experiências alheias, recomenda ao casal permanecer próximo aos parentes, para amenizar e compartilhar as dificuldades, que inevitavelmente surgirão.

Diante da falta de opções de permanência na propriedade do pai, Ângelo, na condição de filho mais velho, é obrigado a sair em busca de um pedaço de chão para instalar-se com Teresa, que está esperando o primeiro filho do casal.

Sem a possibilidade de adquirir uma colônia nas imediações, parte para Caxias com o propósito de resolver o problema mais difícil da sua vida: decidir onde começar a encaminhar seu futuro e o da sua família.

Com escassas reservas econômicas, não consegue se habilitar para a compra de nenhuma propriedade, nem mesmo na Intendência que outrora facilitava o processo de aquisição de terras. Hospeda-se com a esposa na pensão do Sr. Roco, recomendada pelo Sr. Cósimo, compadre e velho conhecido do seu pai, Aurélio Gardone.

Deslocado do ambiente rural, desinformado e despreparado para a vida na cidade, logo percebe que a vida não será fácil dali para frente. Sem saber o que fazer, Ângelo vai até a igreja, porque precisa de um lugar sossegado para pensar e das luzes de Deus para tomar a decisão certa.

Diante da impossibilidade da presença de crianças na pensão de Roco, o marido resolve deixar Teresa na casa do pai dele, esperando o nascimento da filha, porque é menos difícil acomodar-se sozinho numa pensão barata na cidade, onde decide trabalhar como operário, enquanto junta economias e espera o surgimento de alguma colônia à venda, para instalar-se com a família.

A casa tem outros hóspedes. Não posso ficar com a criança berrando, incomodando o descanso dos outros (p 126).

Durante sua estada em Caxias, Teresa conversa com Roco, imigrante italiano, fabricante de armas, senhor vivido e de mentalidade aberta, com quem se impressiona pela forma como ele critica os padres, mesmo não sendo contra a religião, a oração e o evangelho. Por considerá-lo culto, a exemplo de Máximo, sobrinho de padre Giobbe, ex-seminarista que lê o almanaque, sabe fazer contas e até desenhar, compara os dois homens, questiona-se sobre conceitos aprendidos e internalizados desde a infância e sente necessidade de saber qual a opinião de Máximo sobre as dúvidas que a assolam, no que diz respeito aos padres, ao casamento, ao amor, ao certo e ao errado. Ela deixa de aceitar os fatos com passividade no plano sentimental, moral e religioso e busca entendê-los, enquanto seu marido canaliza todos os esforços para ser bem sucedido no aspecto econômico, já que esta é a função do homem, cabeça do casal, para quem o resto é bobagem.

- Isso são coisas que um homem resolve sozinho. Para isso o homem usa calças (p. 151).

Agentes da própria história, Ângelo e Teresa vivem novas experiências em novos tempos, com interesses não de todo comuns. Mudanças significativas ocorrem quando nasce Rosa, a filha do casal, e Ângelo faz o grande negócio de sua vida: compra uma colônia em sociedade com Máximo e Pierina, prima de Teresa. Os dois casais instalam-se em San Giusepe com ajuda dos vizinhos, longe dos parentes e desenvolvem atividades econômicas novas. Além de manterem o cultivo da vinicultura, instalam um moinho, intensificam a plantação de milho e passam à comercialização do produto, no que prosperam com muito empenho.

Mássimo Boschini sentou-se, em meio a fitas de madeira e pó de serragem, para uma caneca de café frio. Nunca pensara que a construção fosse andar tão depressa (p. 179).

As afinidades com os parceiros, que moram na mesma casa, crescem gradativamente. As circunstâncias são favorecidas, na medida em que os interesses são comuns e as condições existem. Ângelo e Pierina só pensam em trabalhar, economizar e progredir economicamente, ao passo que Teresa alimenta sonhos de felicidade compartilhados por Mássimo.

Não sei por que motivo casaste com a Pierina. Aí conheces a Teresa e descobres que o casamento foi um erro. A Teresa parece interessada em ti (p. 182).

O contato com outras pessoas e novas idéias, como as de Roco e Toni Scariot, um anarquista que critica o capitalismo e os padres que, além de gostar de cachaça, não vai à igreja e tem uma barba de Judas, subvertem os valores existentes até então. Com eles, Teresa e Mássimo abrem seus horizontes, resolvem seus conflitos existenciais e partem em busca da felicidade, fugindo de seus parceiros para viverem o amor com autenticidade.

A Teresa e eu vamos embora. Não voltamos para San Giusepe. Avisa o Ângelo. Diz que não sabemos ainda para onde vamos (p. 233).

Ao casal remanescente, Ângelo e Pierina, resta adaptar-se à nova situação. Moralmente o caos se instala. Sentem-se vítimas da atitude tomada pelos fugitivos, condenam o fato e declaram-nos mortos e enterrados. Ângelo quer que Pierina

torne a morar com seus pais, temendo o julgamento das pessoas do local, no que não é atendido. Ela não concorda em desfazer-se da colônia, vendendo-a por um preço inferior ao seu valor, só para evitar falatórios. Convida Joanim, filho do vizinho, para morar com eles e cuidar do moinho, temporizando os problemas do momento, fazendo valer sua voz, silenciada pela condição feminina e garantindo a continuação dos negócios.

O negócio era esquecer tudo e tocar em frente. Não é o que se faz quando morre alguém? E esses dois estavam mortos e enterrados. Que os levasse o diabo (p. 248).

Pierina surge como outra mulher. As qualidades de pessoa com cabeça no lugar nela admiradas por Ângelo, tornam-se mais evidentes e não permitem que ele desanime nos negócios, apesar das adversidades criadas por padre Gentile, sacerdote que atendia a comunidade de San Giusepe.

O padre que havia convidado Gardone para participar da diretoria da comunidade, por ser pessoa íntegra e bem sucedida economicamente, sente-se na obrigação de retirar o convite. O bispo não aceitaria na diretoria um homem abandonado pela esposa e que convive com outra mulher, também casada, na mesma casa. O risco de não resistir às fraquezas da carne e da perdição da alma é atitude abominável aos olhos de Deus. A tentação deve ser combatida com

paciência e oração. A fuga da esposa com Máximo deve ser encarada como a cruz a ele reservada por Deus.

Deve ter sido um golpe duro. Mas deve ver nisso, antes de tudo, a vontade de Deus. Foi uma provação para aprimorar a sua virtude. Não quero que fique preocupado, mas vão vir maiores dificuldades. Grandes tentações. É a cruz que Deus Nosso Senhor lhe reservou. Deve portanto carregá-la com paciência, e muita oração. Não pode casar. Não pode viver com outra mulher (p. 269).

O padre recomenda que Ângelo se afaste do perigo e sugere que saia do local. Ângelo, confuso, promete evitar a tentação, só que é tarde demais: Pierina já espera um filho seu.

- Tenho uma coisa para te contar. Vou ganhar um filho (p.273).

Intensificam-se as represálias do padre Gentile. No exercício do poder instituído, ele proíbe seus fiéis relacionarem-se com Gardone e Pierina. Restam apenas o sócio Vito Schopa e dois amigos de Máximo: Scariot e Natale. Ângelo é obrigado a negociar fora de San Giusepe, deixando sua nova companheira muitas vezes sozinha e desprotegida com os filhos.

Só podia ser isso: o padre Gentile resolvera lhe dar um castigo. Fora então ao moinho onde ficara sabendo, do Joanim, que não estavam chegando moagens. E agora começava a ter certeza: a Santina trancada na cozinha, sem vir mesmo cumprimentá-la, e a cara sem jeito do Nane Mondo estavam contando tudo. Ainda por cima, o vizinho não o convidava a entrar, como se fosse um estranho (p. 276).

A discriminação sofrida por Ângelo e Pierina e o castigo imposto pelo padre perduram até o momento em que ela, cansada de tanta humilhação, enfrenta o padre em plena igreja, questionando-o sobre seus atos, lembrando-lhe que o inferno também existe para os padres. Com o perdão concedido, a vida poderia voltar ao

normal, não ocorresse o amadurecimento natural ao enfrentamento e superação das dificuldades.

- Eu também tenho pecados. Eu não digo que não. Mas nunca vi um padre fazer o que o senhor fez. Não tenho medo da sua maldição. O senhor é um padre falso. O inferno existe também para os padres (p. 282-283).

Muita coisa mudou nas vidas dos dois casais. Ângelo e Teresa e Máximo e Pierina são o resultado do mesmo modelo de sociedade patriarcal, cujos valores eram reproduzidos sem contestação. Nesse contexto insere-se a relação com o trabalho, casamento, família e, principalmente, da igreja que, através do padre como seu representante, norteia as atitudes do povo.

Com a evolução natural da história, novos tempos requerem novas posturas. Máximo desencadeia a ruptura com o passado. A instrução recebida por cinco anos no seminário e a bagagem cultural adquirida nos lugares por onde passara, tornaram-no diferente dos demais. Na condição de sobrinho do padre Giobbe, é apresentado a Pierina, moça decente com quem se casa, porque gosta dela e por ela saber administrar uma casa. Tudo corre normalmente até surgir Teresa, que lhe lembra uma moça parecida com ela, por causa de quem recebeu a recomendação dos padres do seminário de Pádua para procurar outro caminho.

Teresa é tão ignorante quanto o marido e a prima. O que a torna diferente é seu jeito despreocupado de ser, sua curiosidade, a busca pelo saber e a vontade de curtir a vida.

O encantamento de Máximo e Teresa é recíproco. Favorecidos pelas circunstâncias de convívio na mesma casa, de mentalidade aberta, livres de sentimentos de culpa, ambos dão asas à imaginação e partem em busca da realização do sonho comum: a felicidade.

A união de Ângelo e Pierina decorre como resultado da fuga de seus parceiros. Diante da nova realidade, tudo conspira para esse desfecho. Afinidade, segurança e interesses materiais comuns dão origem ao rompimento com seus passados e obrigam os novos parceiros ao questionamento dos valores e comportamentos até então vivenciados.

A transformação dá-se pela transição do tempo, pela ocupação de espaços geográficos diferenciados (colônia e cidade), o contato com pessoas de mentalidades divergentes, desafios constantes e pela própria necessidade da luta pela superação.

Se a Igreja determina a condução da humanidade e dos fatos através da história, podemos constatar a mudança na postura de seus representantes, padre Giobbe e Padre Gentile: aquilo que no início era intolerável aos seus olhos, não é seguramente passível de condenação no final. Aos padres cabe perdoar os pecadores e a Deus, julgá-los.

Todo o conflito vivido, todas as discriminações aplicadas e sentidas, todas as dores provocadas e incompreensões espalhadas, toda a arbitrariedade e, conseqüentemente, todo o sofrimento ocorre por falta de uma clara compreensão e diferenciação entre fé e igreja, padre e igreja. Os fiéis de San Giusepe têm uma falsa imagem da Igreja por não terem acesso aos ensinamentos bíblicos: a fé, o evangelho, o amor de Deus, o perdão, os sacramentos e a fraternidade que devem nortear a vida do cristão.

2 FALSA IMAGEM DE IGREJA

Para garantir o domínio sobre os fiéis, sobre a situação e sobre toda a comunidade, não se fazia muita questão que os habitantes de San Giusepe tivessem acesso ao conhecimento, à compreensão do que é Deus, fé, igreja, religião, qual é a função e quais são os poderes do padre. Para eles não está claro se Deus serve aos seus interesses e necessidades imediatas, não o entendem, mas sempre há lugar para Ele em suas vidas, porque a Igreja diz que assim é o certo. Quem o concebe diferente deve ser combatido.

Ari Käfer (1999) diz que em tais situações cometem-se as mais diversas atrocidades em nome de Deus. Pessoas e grupos mais fervorosos geralmente negam-se ao uso da violência física, mas são violentos e intolerantes no mundo das idéias e no direito à liberdade humana. Apresentam Deus como alguém exigente igual às elites humanas. A regra para eles é simples: ou se obedece cegamente (às elites e a Deus), ou se é discriminado, castigado, afastado, marcado e condenado ao inferno eternamente. Neste caso tem-se como objeto de perfeição um deus brutal e ameaçador e em seu nome cometem-se brutalidade e ameaças.

Nestes momentos e lugares desaparece o Deus da Bíblia, que ouve o clamor do pecador, que abençoa as suas lutas individuais e coletivas contra qualquer tipo de opressão e violência, rumo à libertação, paz, felicidade.

As pessoas que seguem a falsa imagem de igreja e, conseqüentemente, de Deus, não toleram que alguém de seu grupo desenvolva reflexões próprias e insubmissas a suas máximas. Ou o insubmisso volta a submeter-se ou será excluído do seu grupo religioso, tamanha é a insegurança gerada pela falsa imagem do inimigo em relação a quem avança além do seu limitado espaço de dominação religiosa.

A falsa imagem de Deus e de Igreja torna o crente soberbo, moralista e julgador. A isso se contrapõe a riqueza bíblica que fala de um Deus dotado de vontade, sentimentos e princípios, que ama a justiça, é cheio de amor pelo ser humano e, por isso, mandou Seu Filho para salvá-lo.

Amarás o Senhor teu Deus de todo coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento e amarás o teu próximo como a ti mesmo (Mt, 22: 37-39).

Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei (Rm, 3:28).

Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (Jo, 3: 16).

Por isso os perversos não prevalecerão no juízo, nem os pecadores na congregação dos justos. Pois o Senhor conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perecerá (Sl, 1: 5-6).

Desta forma, a falsa imagem de igreja também pode tornar possível que aquilo que é considerado escandaloso na conduta de um cristão pode vir de “uma falsa noção de pecado” (p. 303).

Onde há o conhecimento da verdadeira imagem de Deus, existe paz sem armas, convívio social sem violência, sem discriminação, sem dominação. Cada ser humano individualmente e grupos sociais organizados praticam uma resistência não violenta até que os esquemas e sistemas de domínio sejam completamente desmantelados.

Todos estes acontecimentos, esta realidade nada cristã, conforme a Bíblia, retratada na obra em análise, é resultado de as pessoas se guiarem pelo senso comum. Assim, toda a interferência da Igreja nas relações sociais pode ser entendida como decorrência da falta de acesso a estudos, ao conhecimento científico, e porque não há questionamento sobre as ordens e orientações dadas pelos religiosos.

3 A INTERFERÊNCIA DA IGREJA NAS RELAÇÕES SOCIAIS

A interferência exercida pela Igreja nas relações sociais ocorre de duas formas: as regras oriundas do Vaticano e o senso comum para a solução de problemas.

Segundo Rubem Alves (1986), o senso comum existe, funciona, para atender, para suprir a necessidade de compreender o mundo, a fim de viver-se melhor e sobreviver, resolver os problemas do ser humano e da comunidade em que vive.

Baseado no senso comum, o padre dá conselhos como com quem casar, onde morar após o casamento.

Não te aconselho a ir para essas colônias novas. Procura alguma terra por aqui. Sempre pode aparecer um negócio. É melhor ficar por perto dos parentes. Na hora da necessidade se tem ajuda certa (p. 103).

As orientações e normas provenientes de Roma, ditadas pelos superiores, geram grande incerteza ao padre, uma vez que, segundo Giobbe, estão desvinculadas da realidade da vida das pessoas, dos sentimentos, da compreensão do que é fé, pelos fiéis de sua paróquia.

Veja-se, por exemplo, os padres da cúria, com os traseiros em almofadas. Ou são insuportáveis rezingões ou gordos abúlicos para quem um carimbo parece ter o peso de uma pedra de torre (p. 104).

Vai perguntar, a um desses autores de tratados de teologia moral, quantas horas em suas vidas passaram sacudindo os ossos num lombo de mula. Não, é trancados numa sala sem janelas que imaginam o mundo e estabelecem as regras para quem vive nele (p. 105).

Algumas personagens mais atentas e mais informadas, notadamente Judas Scariot, Máximo, Vito Stchopa e Rocco, não concordam com a forma como os padres impõem suas idéias políticas entre os moradores das colônias. Muitos nem percebem que são submetidos, vivem e produzem de acordo com a filosofia capitalista. A Igreja é o maior inimigo do socialismo.

Por que toda essa propaganda do casamento? Por que todo o homem que casa se torna, por força, um capitalista. Quer um pedaço de terra para ele, quer uma casa para ele, quer dinheiro, dinheiro. É só assim o capitalismo funciona. Um homem que constitui família não pensa em revolução, em justiça, em fraternidade, em socialismo. Por isso o anarquismo prega o fim do casamento. O fim da diferença entre filhos legítimos e ilegítimos. Porque isso é o fim do capitalismo. O começo do socialismo (p. 186).

A igreja é a escora do capitalismo, é ou não é verdade? (p. 280)

Na vida comunitária, centrada principalmente na Igreja, há práticas sociais onde os mais afortunados são tratados com destaque, merecendo convite para fazer parte da diretoria da comunidade e ajudar no planejamento e controle da vida dos membros.

Mas todos falam bem do senhor. É um homem de paz, de bons costumes, muito ativo. Sei que vai bem nos negócios. O moinho foi um grande progresso para a localidade. – Por tudo isso, eu pensei: está aí o homem certo para a diretoria da igreja (p. 226).

A igreja deixava bem claras as atribuições da mulher e pregava a submissão no casamento: a obediência que devia ao marido, limitando-se a obedecer ordens, não interferir nos negócios, cuidar dos afazeres domésticos e do trabalho na roça e dos filhos.

Tivesse ele uma mulher como a Pierina, as coisas seriam muito diferentes. Uma mulher cheia de qualidades. Que só trabalhasse, sem pensar em gastar. Que não ficasse discutindo nem se metesse nos negócios do marido. Que falasse quando devia falar e depois calasse a boca (p. 198).

As pessoas que ousam transgredir as normas estabelecidas pela Igreja, a doutrina ensinada entre os membros da comunidade, são marcadas, isoladas e, em algumas situações, excomungadas, proibidas de freqüentar missas e participar da comunhão.

Deve entender que não posso ter na diretoria um homem abandonado pela mulher. Queira ou não queira, não vai ter o mesmo respeito de antes (p. 271).

Deviam se desfazer de tudo e se mandar de San Giusepe. Só de imaginar isso teve um arrepio. Ter que encontrar outra terra, começar tudo de novo. Mas não via outra solução. Nem ele, e muito menos Pierina conseguiriam viver ali. Teriam que ouvir poucas e boas e, ainda por cima, agüentar a fúria do padre Gentile (p. 274).

A relação entre pais e filhos estava centrada na figura do pai, chefe de família com autoridade incontestável, que tomava todas as decisões e não favorecia o diálogo para a troca de idéias e solução para os problemas dos filhos.

Se pudesse conversar, trocar idéias, a noite ficaria mais curta. Mas sozinho com o pai, ele jamais conseguiria conversar. As palavras pareciam pedras no fundo de um poço. Não era capaz de tirá-las para fora (p. 99).

No momento em que a interferência do padre começou a invadir a privacidade da vida do casal, surge a hipocrisia como forma de salvar a imagem diante dos demais fiéis e das demais pessoas da família. Usa-se o artifício da confissão para explicar e perdoar pequenos desvios, quando a carne é fraca e não resiste à tentação.

- É só uma consideração que faço. Os senhores depois resolvem como acharem melhor. Não estou obrigando a nada. Mas haveria uma maneira de voltarem a receber os santos sacramentos (p.300).

- Uma escorregada ou outra não faz mal – piscou cumplicemente o olho o padre Gentile. – Para isso existe a confissão. O importante é o compromisso, o bom propósito de viverem como irmãos. Se uma vez ou outra caírem, eu já disse, existe a confissão (p. 301).

Apesar de tantos equívocos cometidos, de tanta injustiça praticada, de toda a incoerência existente entre a pregação de uma falsa compreensão de Deus e criação de uma imagem de um Salvador que pune implacavelmente os desobedientes, é nele que a humanidade busca orientação, conforto, salvação. E têm sido a Igreja e os sacerdotes os guias através dos tempos.

4 PADRE E IGREJA: NORTE DAS PESSOAS DE FÉ

Como se pode constatar, os princípios cristãos a respeito dos direitos e responsabilidades da Igreja organizada baseiam-se na doutrina da Igreja e do ministério público, como é ensinado na Bíblia.

Já no Antigo Testamento fica bem claro que a Igreja tem uma responsabilidade coletiva de orientar e ensinar a doutrina aos fiéis de sua congregação. Moisés, ao entregar a Lei de Deus aos sacerdotes, lhes ordenou que todos deviam aprender a palavra de Deus, temer ao Senhor e cumprir todas as palavras desta lei.

Ajuntai o povo, os homens, as mulheres, os meninos, e o estrangeiro que está dentro de vossa cidade, para que ouçam e aprendam, e temam ao Senhor vosso Deus e cuidem de cumprir todas as palavras desta lei (Dt, 31:12).

Diante dessa incumbência divina, a Igreja tratou de preparar os ministros de Deus (padres) que deviam ensinar ao povo Sua Palavra e Seus Caminhos.

Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinado-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado (Mt, 28:18-20).

A pregação da palavra e a prática de uma vida baseada nos princípios da Igreja entre os fiéis nem sempre foi tranqüila e plenamente entendida. A maioria das pessoas não tinham acesso à leitura da bíblia, a outros textos relacionados a sua religião e a missa era rezada em latim. Assim, restava aos membros ouvir e acreditar naquilo que o padre pregava, aquilo que o padre precisava ensinar, obedecendo orientações de seus superiores.

Allan Hart Jahsmann (1987), teólogo americano, diz que sempre haverá uma relação de conflito, talvez de incompreensão, se as pessoas não tiverem um entendimento claro do que é fé.

A fé não se reduz a uma simples apreensão intelectual de alguns fatos. Sua essência, seu cerne é a convicção, a firme certeza da graça de Deus em Cristo Jesus. A fé é baseada nas promessas de Deus na Bíblia, é vista como contínua posse dos dons de Deus através de duradoura confiança na redenção de Cristo.

São tantas coisas. A religião é complicada. Para o senhor não, que é padre, tem que saber tudo. Mas para nós é complicado (p. 262).

Ainda assim, a religião, o padre e a Igreja tornaram-se uma rocha firme entre os imigrantes italianos retratados na obra *O quatrilho*. Em momentos difíceis, de desespero, de incertezas, as personagens recorrem a Deus para iluminar seus caminhos.

Estava precisando de um lugar sossegado para pensar. Viu a igreja no topo da praça e decidiu entrar. Mergulhou os dedos na pia de água benta, traçou o sinal-da-cruz e procurou um banco para sentar. Depois de meia hora, sentiu que o calor da caminhada desaparecia e que o frio lhe endurecia os pés. Mas nessa meia hora, graças a Deus, tinha ficado mais claro em sua cabeça. Sabia agora o que devia fazer (p. 123-124).

A humanidade e, especialmente a Igreja, tem se envolvido em discussões e disputas teológicas para explicar a existência de Deus e a importância de sua presença na vida diária dos fiéis, porque sempre esperam que Ele olhe o ser humano com misericórdia, graça, benevolência, justiça, amor.

A necessidade de entender-se no mundo, entender a sua espiritualidade, a existência de um ser Supremo, a certeza de que haverá perdão para suas faltas, que poderá chegar à felicidade eterna, transformam-no em alguém capaz de crer em pessoas e palavras.

CONCLUSÃO

José Clemente Pozenato, ao compor o romance *O quatrilho*, mostra o quanto o ser humano tem relação com uma filosofia, uma ideologia, da política e da religião, uma crença, mas não deixa transparecer uma resposta racional para a questão instigante: por que o exercício do poder religioso está tão presente e assume vital importância para a humanidade, os imigrantes italianos retratados na obra.

O cristão, com fé, passa por dificuldades e suporta as provocações, procurando administrar seus problemas, busca soluções através de recursos humanos e divinos. O segredo do amor eterno de Deus não tem fim e não faz distinção entre pessoas. Ele aceita e ama todas as pessoas com seus defeitos e virtudes.

A obra retrata, no primeiro momento, uma igreja marcadamente doutrinária e apologética, mediante rígida definição das verdades da fé e da condenação de erros e heresias.

Augusto Meyer (1983), em nota sobre *Lendas do sul*, diz que a dominação religiosa é possível ser exercida num meio ainda não atingido pela proletarização dos trabalhadores e onde o hábito da cotidiana dureza do mando, fator de controle indispensável para a produção intensiva, ainda não se fizera inconsciência e calejamento, os casos de alta crueldade, as judiarias bestiais deviam forçosamente repercutir mais fundo e deixar marcas mais sensíveis na vida sentimental dos simples como Santina, Nane Mondo, Bambina, Dosolina e a maioria das personagens.

Num segundo momento, constata-se a busca de uma orientação voltada para a compreensão do ser humano, mostrando-se menos intransigente. Essa prática surgiu da nova perspectiva cultural, de um maior conhecimento, do contato com outros grupos sociais e outras idéias.

Vislumbra-se daí a possibilidade do surgimento de uma sociedade mais fraterna, mais solidária, mais compreensiva. É o homem com amor a Deus e ao seu semelhante que permite a regeneração das pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 209p.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1968.
- CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 125p. (Coleção Primeiros Passos.)
- JAHSMANN, Allan Hart. *Filosofia luterana da educação*. Porto Alegre: Concórdia, 1987. 103p.
- KÄFER, Ari. A falsa imagem de Deus. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 08 fev. 1999. p.4.
- MEYER, Augusto. Nota sobre lendas do sul. In: Lopes Neto, J. Simões. *Lendas do sul*. 11. ed. Porto Alegre: Globo, 1983. 159p.
- POZENATO, José Clemente. *O quatrilho*. 12. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. 309p.
- VALLE, Rogério. A fé em meio ao conflito das racionalidades. In: BUARQUE, Cristovam et al. *Fé, política e cultura: desafios atuais*. São Paulo: Paulinas, 110p.
- ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus. 1991. 198p. (Coleção Filosofia.)

